

A FEDERAÇÃO

ÓRGÃO DAS ASSOCIAÇÕES CATÓLICAS DE ITU

S. PAULO

DILIGITE HOMINES ET INTERFICITE ERRORES (S.º Agostinho)

BRASIL

«A FEDERAÇÃO»

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

→ EXPEDIENTE ←

«A Federação» será publicada aos domingos pela manhã.

ASSINATURA: POR ANO, 6\$000
Pagamento adiantado

XVI DOMINGO DEPOIS PENTECOTES

EVANGELHO DO DIA

S. LUCAS, CAP. XIV, V. 1-11

N'aquelle tempo, tendo Jesus entrado, um dia de sabbado, em casa de um dos principaes phariseus, para assistir a um banquete, os que alli se achavam o observavam. (1) Ora, estava diante d'elle um homem hydropico. E Jesus dirigindo-se aos doutores da lei e aos phariseus, lhes disse: E' heito curar um enfermo no dia do sabbado? Mas elles guardaram silencio, e elle, tomando aquelle homem pela mão, o curou e o despediu. Depois lhes disse: Qual de vós, se o seu boi ou burro vem a cair n'um poço, não se apressa a tirar-o logo para fora, ainda mesmo no dia do sabbado (2)? E elles nada podiam responder-lhe. Depois, observando que os convivas escolhiam os primeiros logares, lhes propoz esta parábola, dizendo-lhes: Quando fôrdes convidados para bodas, não tomeis o primeiro lugar, não seja que se ache algum mais elevado em dignidade que vós, e que aquelle que vós houver convidado venha dizer vos: Cedei o vosso lugar a este, e então tenhaes a vergonha de descer ao ultimo lugar. (3). Mas quando fôrdes convidados, ide pôr-vos no ultimo lugar, de maneira que aquelle que vos houver convidado vos diga, quando vier: Meu amigo, sobe mais acima; e será isso uma honra para vós aos olhos de todos os convivas; porque aquelle que se eleva será humilhado, e aquelle que se humilha será elevado.

REFLEXÕES PRATICAS

Este Evangelho encerra diferentes cousas dignas de particular observação.

1. Os phariseus observavam a Jesus, não para admirarem aquelle ar magestoso e cheio de bondade, aquella nobre simplicidade que brilhava em toda a sua pessoa; não para recolherem os divinos oráculos e as palavras de vida que saham da sua bocca; não para se edificarem pela sanctidade da sua vida; mas sim para vêr se descobriam alguma cousa censuravel nas suas palavras ou acções. Este proceder é mui commum no mundo, onde a gente se observa, onde se espregueia, com o intuito de achar alguma materia para a zombaria e critica. Se sentirmos em nós algum germen d'este espirito de malignidade, duas considerações, nos devem levar a destrui-lo: primeira é que não quizeramos certamente ser objecto d'elle, e que a caridade nos prohibe que façamos aos outros o que não quizeramos que elles nos fizessem; segundo, é que este espirito de critica sempre acaba por tornar o Jho-so aquelle que a elle se entrega.

2. Aquelles mesmos phariseus, que prohibiam se curasse um enfermo no dia de sabbado, e que contudo permitiam, no mesmo dia, que se tirasse um boi ou burro d'uma cova em que tivesse cahido, representam os christãos que teem muito a peito cousas que não são de obrigação, e que não recebem violar os mandamentos mais

positivos e formaes. Assim, por exemplo, vêm-se alguns que, ao domingo, não quereriam ir á igreja sem terem bellos vestidos, e que não teem vergonha de apparecer alli com a consciencia toda mauchada pelo peccado. Vêm-se outros que são fidelissimos em receber as cinzas no primeiro dia da quaresma, e que contudo não vão á confissão e se revolvem no peccado mortal. Outros fariam escrupulo de não ir adorar a cruz durante a semana sancta, e não fazem nenhum em faltar ao dever da communhão paschal. Outros não queriam deixar de resar tal oração, de mandar ler um evangelho tal dia e em tal altar, e não se pejam de Jorar abitualmente com distracções voluntarias e sem devoção alguma, de blasphemar o sancto nome de Deus, e de se entregar a todas as especies de desordens e excessos. E' isto portar-se como phariseu antes que como christão; e aquelles que obram desta sorte devem saber que todas as obras de supererogação, todas as práticas que não são senão de simples conselho, não impedirão que vão para o inferno, e não ser que observem ao mesmo tempo tudo quanto é prescripto por Jesus Christo e pela sua Igreja.

3. O divino Salvador, pela parábola que propõe aos phariseus, nos ensina que necessaria é a humildade, pois que, sem a prática d'esta virtude, é impossivel chegar á gloria eterna: «Aquelle que se eleva será humilhado, e aquelle que se humilha será elevado.» De resto, para ser humilde não deveria bastar conhecer-se. Que era eu ha cem annos? era menço que um pouco de pó, menos que um vil insecto; não era nada, e ainda não seria nada; se Deus por sua pura bondade, não me houvesse tirado do abysmo do nada. Que motivo não tenho de humilhar-me, por esta só consideração, em presença do meu Creator? Deu-me Deus a existencia e a vida; mas aqui de novo motivo de humilhação! Que tomou elle para formar o meu corpo? um pouco de barro, isto é, o que ha mais vil e abjecto, para me convencer de que não sou senão terra e de que á terra voltarei, a fim de que, lembrando-me sempre da minha origem, eu não tenha tentações de elevar-me, nem de glorificar-me.— E' pois certo que nós não somos, no principio, senão um fraco limo, e que o corpo do mais poderoso monarcha, do maior heroe, inteiramente semelhante ao homem mais miseravel, não é mais que um punhado de pó e zinza que em breve o vento levará e do qual não se encontrará vestigio algum. Considerando assim o que fomos, o que somos e o que havemos de ser, poderíamos ser vaidosos e orgulhosos? Poderíamos, pelo contrario, deixar de humilhar-nos e desprezar-nos, pensando em que a podridão é nosso pae, que os vermes são nossa mãe e nossas irmãs, e que, sahidos do seio da terra, a elle devemos voltar um dia?

(1) Para encontrarem nas suas palavras ou acções algum motivo de o accusarem.

(2) Se se pôde, no dia do sabbado, salvar um vil animal por interesse, com mais forte razão se pôde curar um homem por caridade. As obras de caridade são de todos os momentos, devemos ao proximo bons officios todas as vezes que lh'os podemos prestar.

(3) Não quer dizer Jesus Christo que cumpra pôr-se no ultimo lugar, justamente com vistas de receber honra, ou de evitar a confusão. Mostra simplesmente o effeito ordinario d'uma acção de humilhação, que é attrahir honra e respeito, ao passo que a presumpção não attrahe senão desprezo e confusão.

OS DOIS GRANDES MEIOS

Quando os católicos brasileiros se convencerem deveras da utilidade e necessidade das duas coisas, voto e imprensa, para defenderem os seus sacrossantos direitos, ganho tem a causa da religião para o Brasil.

Mas até lá chegar quantos desenganos precisam ainda? Pois bom é que, como dizem, vão pondo as barbas de mólto.

Vejam o que está passando em França, para não falar de outros paises!

Oicamos dois Prelados franceses, os Arcebispos de Tolosa e de Rennes, que sob o peso dos males que affligem o seu país clamam pelo remedio, apontando para os dois principais instrumentos deles, que como o tem sido de ruina, o podem também ser de restauração e vida nova.

IMPORTANCIA DO VOTO

E' preciso empregar hoje uma grande actividade em esclarecer por meio dos jornais católicos a gente do campo, que, apesar da supérflua e pratica da vida religiosa, em massa vão dar o seu voto aos maiores inimigos da nossas crenças, e com uma inconsciencia lastimosa elevam ao poder homens, que são a causa de todos os nossos males.

A deploravel situação, em que nos achamos, há já bastantes annos, provém da cegueira monstruosa d'esses católicos entre nós muito numerosos, que vão á missa, fazem a sua desobriga, mas, sem escrupulo, votam por homens manifestamente inimigos da religião. Pretendem assim, escolher duas coisas inconciliáveis, a Igreja e as letras maçónicas, a luz e as trevas, Deus e o diabo.

Vão á missa, honram-se de estar em boas relações com o seu pároco, teem como injúria que lhes dêem o epíteto de anticlerical ou de maçom; mas por alguns interesses materiais ou alcançados ou prometidos, por alguns favores tam incertos como efémeros, votam ou fazem votar por veadorrs, deputados e senadores que arruinam o nosso país destruindo a religião.

Há, de certo, hipócritas e traidores entre estes homens, mas os há também iludidos e logrados. Ora é preciso desmascarar aqueles e abrir os olhos a estes; é preciso fazer compreender áqueles falsos irmãos e a estes fracos de espirito que não é duplo em nós o homem, que católico e politico não podem estar em desacôrdo noma, só pessoa, que a consciencia é uma só, e que o sacrossanto dever que tem o christão de manter-se fiel á sua fé e de trabalhar pela igreja, se quer salvar a sua alma, lhe impõe a obrigação de, a' custa mesmo dos bens materiais, negar o seu voto aos inimigos da religião e a esses homens nefastos que, apesar das suas bonitas promessas, são os autores de todas essas leis iníquas de que são victimas os católicos.

DANOS DA IMPRENSA

«Ao passo que os inimigos da religião investem contra a fé católica atacam também o decôr e a moral cristã.

Estas duas coisas, por fim de contas, vão ordinariamente juntas. Umaz vezes, a semilhança do que acontece em casas bem ordenadas, encontram-se elas como no *rés-do-chão* e outras no *primeiro andar*; e muitas vezes na mesma página e ambas até de mistura.

A par das investidas contra os mistérios da religião encontrareis anedotas licenciosas, contos obscenos, novidades picantes, histórias libertinas, narrações de aventuras cnicas, noticia dos debates judiciaes que ostentam a corrupção em toda a sua hediondez, e enfim romances e folhetins, que pelos títulos provocadores, pelas gravuras licenciosas e desenvoltura de reclamos

extraordinária se tornam uma provocação ás virtudes cristãs.

Afectam estes folhetins, por vezes, uns ares de decôr. Sabe enganar-se muito bem o autor, para milhor fludir os ingénuos, seguindo as circumstancias o pedem; sabe esbater o colorido, sombrear os quadros, suavizar o realismo cru a dissimular as descrições lúbricas sob o disfarce de um sentimentalismo pudico. Mas se bem lhes penetrardes no intimo, vereis que, sob esses artificios da linguagem, se liscenjeiam todas as fraquezas da miséria humana: menospreza-se o respeito devido ao vínculo conjugal, exaltam-se como heroínas mulheres carecentes do decôr próprio ao seu sexo, e nota-se sempre uma condescendencia escandalosa em conestar as fraquezas e desculpar as faltas.

Eis, uma fraca e ligeira ideia dos desastrosos effeitos que em volta de nós produz a desenfreada propaganda da *md im prensa*.

São tremendas estas consequências ou as consideremos no individuo, ou na familia ou na paróquia ou na sociedade inteira.

UM PUNHAÇO DE NOTICIAS

Por causa de inadmissiveis opiniões, tenho memorado em dar noticias da minha pátria aos leitores do *Centio da Boa Imprensa*.

Roje me von desempenhar dessa obrigação, contando lhes em breves palavras os successos dignos de menção, que não são poucos, desde a minha última correspondência.

Começarei pela reunião da VI Semana Social, effectuada em Pamplona, onde se reuniram as eminiências mais da destaque da acção católica-social-espanhola. As lições proferidas por todos os seuhores *semanistas*, foram duma importância e brilhantismo incedíveis. Espera-se que esta constituirá uma data memorável, nos fastos do movimento social católico, quer na unificação das forças vivas do país para milhor defender os principios religiosos contra as investidas da revolução satânica que por todos os lados ameaça minha pátria, quer para milhor a situação física e moral da classe operária livrando-a de cair na tenebrosa gûela do socialismo e do anarquismo.

A numerosa assistência de todas as regiões da Espanha; o entusiasmo com que eram recebidas e acatadas as proposições dos oradores; as felizes disposições para fortalecer com laços estreitamente unidos todas as associações e sindicatos de operários católicos, cobrindo-as com a égide protectora da Igreja sob a direcção do Episcopado, para cujo fim o cardinal Primaz de Toledo já publicou os Estatutos da Federação nacional, permite conceber um auspicioso futuro para o catolicismo, apesar dos continuos assaltos da impiedade.

Como os meus leitores sabem, fui convidada para realizar uma conferência nesse certamen social, conferência essa que se desenvolveu em três, sobre «A mulher católica e sua influencia na sociedade».

Sob a presidência do Em. Cardinal Vico, Pro-Núncio de SS. em Madrid, e de diversos Prelados que assistiam ao acto, desenvolvei o meu tema perante um numerosissimo e selecto auditorio, que me aplaudiu com entusiasmo; em particular quando fustiguei sem piedade a impudicia da moda actual e os estufagos produzidos pelo luxo imoderado das senhoras. Senti que muitas palavras caíam fundo, e pelos repetidos

aplausos que não me deixavam acabar os períodos, via-se que todos, sacerdotes e seculares, moços e velhos, casados e solteiros, condenam unanimemente o excessivo luxo.

Que eloquente lição para nós, as senhoras, que muitas vezes tam pouco avisadas nos fazemos por causa de alguns míseros trapos!

Outro assunto que comoveu, o espirito espanhol, e que tomou as proporções dum acontecimento nacional, foi a celebração do XIII centenario da batalha das Navas de Tolosa, onde unidos aragoneses, navarros e castelhanos, destroçaram as invenciveis hostes da Meia-Lua salvando por este lado a Europa, da invasão sarracena.

Presidiram o rei Afonso XIII e o cardinal Pro-Núncio, sendo de notar a aspiração de todos, em constituir pela união dos católicos um fortissimo baluarte e um exercito aguerrido, que não só resista, mas que vença em todos os terrenos a audácia dos inimigos de Cristo.

Bem precisamos de todos esses estímulos, porque a maçnaria, que não descança, procura por todos os meios arrebatá-los do campo.

O sr. Canalejas, chefe actual do governo liberal, está politicamente passando bastante mal. Cada dia os seus correligionários e amigos lhe proporcionam um sobresalto, ameaçando derrobá-lo do poder.

Ele para ficar bem colocado perante os elementos do radicalismo revolucionário, pôs em andamento a reforma da Associação, pela qual são ameaçados os Institutos religiosos de próxima ou remota perscuição. O presidente do Conselho de ministros sabe que essa lei não passará, nem elle se sustentará no governo o tempo preciso para ser ella discutida no Parlamento; mas, quer ficar com ella como plataforma e bandeira no campo da opposição parlamentar, quando um novo governo substitua o seu. A desgraça para elle é que todo o mundo lhe percebeu o jôgo, como também tem sido ultimamente descoberta a má fé com que procede o governo na supressão do ensino religioso na instrução popular. E' a terceira tentativa que o governo faz para obter um ponto onde apoiar-se afim de estabelecer o ensino leigo nas escolas.

Vencido até hoje por uma opposição esmagadora, novamente, por meios astuciosos e mascarados, pretendem surpreender a descuidosa boa fé do povo espanhol.

Para este fim, o ministro da Instrução pública tratou de organizar em Valladolid, com o maior sigilo, um Congresso de Instrução Popular, cujo programa foi composto nas trevas e preparado para obter os meios com que implantar na Espanha o ensino leigo. Mas, não podendo em absoluto prescindir da publicidade, appareceu o Decreto concedendo OITO dias para a inscrição dos congressistas. A Assembleia só terá lugar em março do ano proximo vindouro.

Era isto um assalto traiçoeiro para o qual os amigos do laicismo, estavam já avisados. Os católicos foram surpreendidos da noite para o dia com essa disposição governamental. Não perderam porém o tempo. A Universidade católica de Madrid encarregou-se de inscrever como congressistas aqueles que de todos os pontos da nação o pediram telegraficamente. Resultou antes de acabar o brevissimo prazo concedido pelo Ministro, haviam inscritos alguns milhares de católicos,

que esmagaram com a sciencia, a razão e o número, as perversas usadias do Governo e destruíram, mais uma vez, os seus planos diabólicos.

Madrid—agosto—1912.

MARIA DE ECHARRI
(Correspondente do Centro da Boa Imprensa.)

BACHARELANDO A ROMULO

Il Murri deve ter passado instantes amargos nas manifestações de que tem sido alvo em S. Paulo.

Alguns fundo, que lhe ficasse da dignidade humana, deve-se-lhe ter revoltado, ante o lado ridiculo e comico, que tomam essas exhibições sem razão de ser ou grande seriedade; e mais, tratando-se de um extranho, que nada tem com o Brasil, de um ex-padre, que, prometendo obediencia, se revoltou contra ella, que obrigando-se, voluntario, ao celibato, se acompanha de mulher, que abraçado, livre, o estado ecclesiastico, renega delle e toma por um caminho diametralmente opposto, com escandalo dos crentes fiéis e gente aizada.

Podem tomar-se a serio taes manifestações, e não ser por uma especie de moda ou diversão na monotonia da vida?

Ora, o caso é que, a rir ou a serio, não sei, tambem um grupo de estudantes de S. Paulo lhe quiz fazer uma manifestação, em que um dos bacharelentos botou falta, como narra o *Estado*, 12 do corrente.

Diz o joven, ou diz o jornal, que "a mocidade de S. Paulo, terra embebida no *sansue* italiano (houve alguma batalha!) hoje (...está) fanatica de amor á liberdade". Saca!

Permittam-me fazer a honra á mocidade de S. Paulo de não crer em tal *fanatismo* no seio della.

E acrescenta que essa mocidade, "vendo (a Murri) num sonho, padre de hontem, (hoje) feito homem, vem e deposita em (suas) mãos *humanas* um *santo* e *purificado* beijo." Mas a curiosidade publica é que desejaria saber como é que foi *santificado* e como *purificado* este beijo!

Dá o orador depois a razão deste *santo* beijo, que é "em reconhecimento e gratidão pela coragem e sacrificios que (il Murri) emprega em *despegar* a Igreja catolica das pedras sepulcrais do passado." Realmente depositar só um beijo, ainda que *santo*, nas mãos humanas do sr. Romulo por tantos *sacrificios*... é pouco. Se fossem algumas acções da Mogyana, outro gallo cantaria... São uns pandegos!

O que eu não sabia era que a Igreja catholica estava, antes, *pegada* a loisas *sepulcrais* e que foi Il Murri quem a veio *despegar*! É uma extranha e nunca pensada novidade, a que nos dá o sr. Bacharelendo! Onde estavam então as loisas, alicerces da Igreja, e como se engebou o deputado italiano para as *despegar*? E que fez depois elle ou que fez della depois?

Não regaleia o novel orador elogios, é claro, ao viajante de pulado. Diz que "se a sua alma (do *excomungado* Murri) era como Deus? como havia de temer?" Caramba!

"Se as suas intenções eram santas (!), como temer castigos?"

Esse não eram santas como não temer castigos?

Afirma que aquelle "espírito potente não pode *acoutar* se (quem o perseguiu?) sob a piramide tremenda (!) de ferreos dogmas (quem o mandou acoutar-se lá?)". Ele, continua, agitou-se (colado!) e bracejou para a luz (e apanhou-a?); é inflammou-se (acudissem com agua!) deaprendeu sentellas, que partiram livres e aladas (quae beija flores!) como as palavras misteriosas de Marconi (que tambem partiram *aladas*?).

"Em vez das terríveis conseqüencias, proseguiu elle, da *morte* moral (morreu então Murri moralmente!) o grande e grandemente ridiculo) apostolo da deschristianização da Igreja (*risum tenetis*!) recebeu a

consagração popular", de ouvir tal pariauda!

A mocidade paulista é solidaria desta extranha arenga? Não o acreditamos, nem por sombra o cremos. Cremos, autem, que devia protestar para honra sua, contra o jornal, que assim deturpou as ideias que não devem ter sido "pouco mais ou menos assim", como esse papel affirma, senão muito outras.

BENVINDOS SEJAM...

Tyranicamente perseguidos pela *fraternidade* maçónica do governo carbonario da foz do Têjo, innumeradas familias portuguezas, para fugirem á *sanha* sanguinaria dos novos *boncos* que infestam o territorio lusitano, estão fugindo para o estrangeiro.

Dos fugitivos, um grande numero se tem dirigido para o Brasil, certos de que nãõ tem a liberdade de que não podem gozar na sua patria, hãõ convertida em uma vasta prisão, onde os miseros encarcerados experimentam os mais duros soffrimentos, desde a fome e a sede, até os mais avilantes e delorosos castigos phisicos!

Entretanto não foi esse o tratamento que João Franco deu aos republicanos carbonarios que na monarchia machinaram nas trévas das lojas maçónicas contra o altar e o throno, cuja ruina procuravam por todos os meios desde as mais infames calumnias levantadas contra os membros da familia real nas columnas de jornaes incendiarios, até as descargas de carabina com que em plena rua foram assussinados o rei D. Carlos e o principe D. Luiz, tendo, como por um milagre, escapado das balas assassinas dos *buçças* o principesinho D. Manuel e sua augusta mãe, a caridosa e uagnanima D. Amelia.

Apezar, porém, dessa nefanda attentado que cahiu de pesado luto não só aquella illustre familia real, mas toda a nação portugueza, os *buçças* e carbonarios não foram caçados como feras, nem encerrados nas enxovias, nem mettidos a ferro, nem muito menos atormentados com a fome, a sede, e mortos a pancadas ou apunhalados ou envenenados, como os carbonarios do governo lisboeta tem praticado e está praticando com todos os bons portuguezes que por simples suspeita de monarchismo são presos, algemados, atormentados nas sombrias e lugubres prisões do Limoeiro e de outras muitas em que são entulhados muitos milhares de homens e mulheres das mais importantes familias portuguezas, cujo unico crime é desejarem que em seu paiz se restaure a ordem e se gose ao menos de alguma liberdade.

Condoído de tão augusta situação em que se acha aquelle inditoso povo cujo sangue generoso corre nas nossas veias de brasileiro que nos ufanamos de descendentes desses ousados navegantes, que por toda a parte foram difundindo as luzes da civilização christã, o nosso governo offerreceu aos perseguidos de Portugal o mais generoso acolhimento nestas liberrimas terras do Brasil, onde as victimas do odio carbonario encontrarão a liberdade e bem estar, de que gosam os seus amáveis patricios que aqui se acham estabelecidos, muito concorrendo para o progresso do nosso paiz. E aproveitando-se desse offercimento deve em breve aportar ao Brasil muitas centenas de distinctos portuguezes, com que muito tem a lucrar a nossa patria.

Bemvindos, pois, sejam elles, essas gloriosas victimas do carbonarismo maçon!

J. L.

O DIVÓRCIO

Felizmente esse cancro corroe dor da sociedade pela desorganização da familia tem encontrado a mais franca repulsa da parte de toda a gente honesta, quer católica quer acatólica, como se pode verificar pelos inúmeros protestos

que o povo tem dirigido ao Congresso Federal contra a lei que alguns mal casados querem implantar no Brasil.

Eis o que a esse respeito respondeu, quando consultado o desembargador Altino de Araújo:

"Eu poderia limitar-me aqui ás judiciosas reflexões, que sobre o assunto disse ante-ontem ao seu jornal, o distinto catedrático de direito civil, dr. Gondim Filho,—com quem estou de pleno accordo no modo de encarar a questão.

Desde que pude compreender a constituição da familia, com todos os seus encargos e expansões, pareceu-me sempre tirânico qualquer elemento de perturbação, oposto por lei ou oriundo de outra qualquer fonte, a essa dulcissima harmonia que o amor e a honra sabem produzir e que só não podem sentir os realmente infelizes.

O divórcio a vinculo, penso que será no Brasil, uma calamidade, maxime se se cogitar em lei esse aleijão, que se representa sob a forma de projecto de lei a, *quæ* *græce*, sem se dizer em que consistia a gravidade, a condenação por crime *injuriante*, velharia que hoje se vem invocar, e outros pretextos são estabelecidos como motivos para o requerer.

Vejo nessa infeliz tentativa alguma coisa que me abate o espirito.

O divórcio a vinculo se me a figura o aniquilamento da familia brasileira; temo o principalmente pela sorte dos filhos, que a lei em caso algum poderá garantir.

Eduquemo-nos e saibamos suportar resignados essas ligeiras dissensões que se dão ás vezes no casal, onde o odio profundo que reciprocamente se afirma existir muitas vezes e ser um obstáculo aos fins do casamento, e uma excapção, quando não é simplesmente imaginado para servir de argumento.

Nem mesmo nas sociedades que o tem admitido, o divórcio a vinculo deixa de ofrecer um espectáculo repugnante, qual o de diferentes casamentos, pelos mesmos cônjuges, quasi sempre com o desgosto profundo e gravissimo prejuizo dos filhos.

Só uma causa poderia justificá-lo, se para removê-lo não houvesse outro meio.

Com effeito, quando uma enorme desgraça, como a do aduterio, vier perturbar a paz de um casal, a felicidade de um lar, — o remedio nem está nesse romantismo exaltado, que pune com a morte a infidelidade cometida, nem nesse extremo da ruptura do vinculo, dando lugar a novas núpcias.

Se a vitima é o homem, e este de espirito superior, saberá sem dar escândalos, atirar ao mais completo desprezo a nova Messalina que *elastica* *viris* *neccum* *satiata* *recessit*, deixando-a entregue á expiação do crime, expiação que virá mais tarde ou mais cedo, se ainda em tempo o remorso não conduzi-la a um abrigo em casa honesta, onde o trabalho e os bons exemplos consigam regenerá-la.

Se a vitima é a mulher, e esta não tiver a generosidade de perdoar o desvio criminoso sempre menos fatal do que seria se fosse ella o cônjuge infiel, porque dessa infidelidade poderia vir um filho de pai extranho, e nada mais irrisório do que o *«pater est quem justae nuptiae demonstrant»*, esta encontrará também um leniuvo em casa de parentes ou mesmo de estranhos, onde por seu trabalho honrado consiga viver. Os exemplos são inúmeros e só por evitar uma inconveniência deixo de os citar.

Mesmo nos rigorosos moldes dum contrato civil, não me conformo com essa facilidade com que se pretende extinguir. Há nesse contrato interesses sacratissimos, que se não devem sacrificar. O pátrio poder, o poder marital — as relações de direito entre os cônjuges — e destes para com os filhos,—enfim todas as questões que formam o quadro dos direitos da familia,—tudo isso está ameaçado de abalos profundos, de males incalculáveis. E porque?

Porque apraz a fantasia humana, por um lado, e por outro a intencões latentes—demolir esse edificio gigantesco para cuja conservação não querem contribuir.

Sou francamente inimigo do divórcio.

Congresso Eucarístico

Internacional de Viena
Em união ao Congresso Eucarístico Internacional de Viena (12-15 do corrente) houve nos dias 12, 13 e 14 das

10 1/2 h. ás 11 1/2 h. exposição do SS. no altar do Santuário Central do Apostolado, encerrando-se com a Bênção do SS. Sacramento.

Os bons catholicos da cidade e dos bairros de nacionalidade austriaca promovem, de accordo com o Revmo. P. Vigário e com a licença da V. da Câmara Ecclesiastica, exposição solene do SS. no altar mor da Matriz desta cidade começando depois da Missa cantada, de hoje, com o fim de manifestarem sua união e adesão ao Congresso na capital de sua patria, exprimindo seu pensamento no quadro que se verá expostos na fachada da Matriz.

Os catholicos subditos da Austria, ditos moradores na hospitaleira terra de Santa Cruz em união e adesão ao Congresso Eucarístico Internacional que se solemniza em Viena sob a presidencia do Emo. Cardeal Legado do Papa da Eucharistia e os auspícios de Sua Magestade Catholica o Imperador Francisco José I *adoram* e *supplicam* ao Rei dos Saulos na Santissimo Sacramento.

Veneremos as árvores

Em propicia hora o governo do nosso glorioso Estado dedicou especial cuidado aos seres da natureza que, grande importância representam nos diversos pontos de vista relacionados á nossa existência.

Como é encantadora e significativa a «Festa» que ontem se realizou!

As árvores são merecedoras de todo o carinho que outrora ninguém se lembrava de lhes dedicar.

Aos vegetais devemos a purificação do ar atmosférico; as plantas possuem a missão de embelezar o nosso planeta; ainda, delas, extraímos o necessário alimento para o nosso organismo; é justo, portanto, que dispensemos aos vegetais todo o acatamento de que da nossa parte necessitam.

A mocidade da actualidade compreende, perfeitamente, o papel saliente que a «Árvore» tem em o nosso meio. Ela, que representa o principio e o fim na nossa existência recebe das crianças todos os louvores que se podem entoar neste globo terrestre; e os meninos do nosso tempo já compreendem qual o alto valor das purificadoras do ar e por isso irão iniciando instinctivamente, a grande «arte» de cultivar as plantas que representam a nossa principal fonte de riqueza.

As belezas, os encantos da natureza produzem nos infantes o irresistível desejo de fazer ressoar livremente as suas vozes argentinas, como as avesinhas pousadas nos ramos das nossas gigantescas árvores!

Tudo o que produz o arvorel é de uma utilidade espantosa quer estejas viva ou morta; pois que nesta patria, em que a vegetação foi admirada desde os primeiros ensaios da exploração territorial, todos entao em as riquezas que proporcias á nação brasileira! Cultivemos as plantas, amemos as árvores espalhemos o culto destes seres em cuja folhagem opulenta ouvimos a orquestra agradável da parçada sonoroza!

A criança nestes tempos já pode experimentar o prazer de possuir um canteirinho em que ella possa semear e cultivar pequeninas plantas de fácil cultura. Eis, caros leitores, o importante effeito da «Festa das Árvores» que tivemos agradávelissima occasião de presenciar nesta tradicional cidade.

O professor que representa um exacto evangelizador das turbas futuras, tem grande cabedal quando ministra ás crianças a importante sciencia dos vegetais, porque é com grande interesse que ellas acompanham as diferentes partes do ensino desta disciplina. Bemfeitor foi o governo do nosso torrão paulista estabelecendo na entrada da estação das flores a festividade da natureza que neste artigo temos-nos referido. Grandes serão, sempre, os

impulsos que a Agricultura recebera nesta terra onde as plantas são tratadas com a dedicação máxima que tanto merecem; e, jamais poderão os futuros homens dirigentes do nosso país destruir os alicerces sólidos em favor «daquilo» que representa o desenvolvimento económico e financeiro da região brasileira.

Plantemos, cultivemos, dediquemo-nos á cultura das nossas árvores, porque, benditos são estes encantos que a Natureza apresenta aos nossos olhos.

Mocidade itnana! as árvores que plantastes crescerão altivas sobranceiras debaixo do céu desta legendária cidade, para que, quando estiveres na idade do perfeito conhecimento das cousas, possais vos assentar sob os seus ramos afim de abrires o coração prescrutando as reminiscências do passado.

L. G. COSTA

CÔRES...

Tem lido, nas fôlhas, tantos casos de suicidio? Talvez não reparassem ainda...

Eu sei lá, talvez lhes tenham encolhido ombros. Talvez.

O mundo é assim. Uma panela de água fervente. Quem se meta nela sai pelado.

Laet denuncia a imprensa amarela. Sabem? amarela. Amarelo é cor do desespero. É do ouro. Também ha' imprensa branca e jornalismo encarnado. Laet não se lembrou disso. Branca e encarnado. Uma frívola, e asqueroso o outro. Frívola e asqueroso, inútil, tragicamente inútil, e arruaceiro, soberanamente arruaceiro.

Laet põe na boca do sr. Campos Sales esta apoteose á desvergonha:—Para fazer calar os jornais gastei um milhão.

Um milhão, leram direito? Nada menos que um milhão: nem os tosões do mção de recados. Um milhão.

Campos Sales gastou um milhão ora aí está. O povo gasta um milhão para seu alimento intelectual, e a imprensa dá-lhes pedras para roer, mulheres para alugar e exemplo para seguir. Pedras que se jogam nos garotos das esquinas, mulheres emproadas, obscenas, feitas de lama, de vicio e de crime, e exemplos que mandam assim: suicida-te; deita este abaixo; rouba; eshofeteia aquele; comete aquela vilania.

Mis vocês querem verificar? Leiam na. Mas não a digiram. Não a traguem, Leiam na só. Mas não cordeiem bgn a alma. Metam-na a ferros. A sete chaves.

E la' verão as scenas de bordel, cada vez mais impudicas e escandalosas.

Ante-ontem suicidou-se um estudante, sabem? Um rapaz, um criança...

Suicidou-se porque o suicidio é coisa bonita. Porque é um gesto simpático, entendem?

— Adeus, ô fulano, vamos tomar um creme?

— Não, agora não posso, prefiro ir até á casa desfechar um tiro nos miolos.

É mais chique. Mais moderno. Tem mais poesia. O jornalismo da república, o jornalismo do século, inteiramente o mesmo, aqui e em toda a parte. E em toda a parte.

É só dizer que a imprensa do Rio é alcoviteira. Alcoviteira, uma processo de *leva-e-traz*.

Incita ao suicidio, ao roubo, ao aduterio. Porque pinta a scena com todas as tintas e de todos os matadores.

D. Fredegundes le em casa o *Correio*, o *Jornal*, o *Paiz*. Scenas de ciúmes em que as tesouras e a cocaina são protagonistas.

E entusiasmou-se, d. Fredegundes. E apaixonou-se pelo caso da rua Fr. Caneca, onde uma rapariga corta a lingua, e os dedos, e os cabelos, e as orelhas, por amores mal correspondidos, baratos.

A imprensa é assim. Latrinária e venenosa.

Vão á politica. Só la' vive, reina e impera dinheiro. A' illustrada. Leiam *O Malho* e ja' a *Revista da Semana*. Leiam bem aquela droga. É o mesmo que ingerir taxaa de sapateiro. Pontas de Paris, Pregos n. 4.

A neutra. Ai! a neutra é tragicamente sublime. Tragicamente sublime!

Essa nem é amarela nem encarnada nem branca. É de todas as cores. Um espectro através dum

pra: ma. Mas um espectro de lixo. Mas lixo só!

Laet, Carlos de Laet chama-lhe amarela.

Não é, mestre. E' cbr da mon-tureira.

Olhe o que dizem do divórcio. Do suicídio.

Do amor livre:

Tomo café com leite, todas as manhãs. E depois:

O' Mariana, compra-me ali fora o jornal...

E' isto. Tomo leite e estricnina a seguir. Deço da Tijusa a Sapucaia. E chama-lhe o dr. imprensa amarela. Ora, muito obrigado!

DEMÓCRITO

Remédio contra a varíola

Não é hoje para temer este ma-terrível, havendo um pouco de cuidado. Atalha-se muito bem, acudindo-lhe logo ao principio.

O meio que para isto se em-prega está ao alcance de todos, e é o da *agua fria*.

Talvez alguns sorriam com des-den e incredulidade ao dizer-se-lhes que uma doença tão temida e contagiosa se cura por um re-medio tão simples. Se não quize-rem crer, não cream...

Deve haver todo o cuidado ao principio, quando se dão os pri-meiros casos de varíola numa po-pulação ou casa. Antes de se ma-nifestar claramente em alguém a doença pelas erupções apparecem os primeiros signaes ou sympto-mas della, que são dores de ca-beça e das costas ou ilhargas, fe-bre alta, calafrios, vomitos e mal-estar geral.

Estes signaes ou prenuncios da varíola duram de ordinario una quatro dias. Apenas elles appare-cem recolha-se o doente á cama, e dê-se começo ao tratamento antes de sairem ao rosto as hexi-gas; porque saidasellas, já a cu-ra é difficil.

Prepare-se um panno de linho, ou um lençol ou melhor uma man-ta de estofa grosso, que ha para estes casos da hydrotherapia; e molhe-se este panno em agua, que convem ter um pouco de vinagre, e torça-se, para escorrer a dema-siada agua, de que se embebe.

Involva-se o doente neste pan-no, assim molhado, com duas vol-tas, pouco mais ou menos, de mo-do que só a cabeça fique livre para respirar; e abrigue-se *muito bem*, para que não entre o ar. Conserve-se assim o paciente *bem agasalhado* coisa de hora a meia, desenfaixando-o depois e cobrin-do-o bem e sem demora.

Esta operação e enfaixamento repete se depois, com algumas ho-ras de intervalo, cinco, seis, oito ou mais vezes, segundo o estado do doente. A doença e os seus symptomas costumam declinar, quan-do se acudiu a tempo, depois da-quelle tratamento.

A agua actua admiravelmente sobre os germens pathogenicos, ou dissolvendo-os ou eliminando-os. Isto é o que diz uma larga expe-riencia, que merece toda a nossa confiança. E não é só nas bezigas que se notam os benéficos effeitos destes enfaixamentos, senão tam-bem em muitas febres rebeldes.

M

Notas e Noticias

Nossa Senhoras das Dóres

Realizam-se hoje, na igreja Ma-triz, com toda solenidade, os fes-tejos em louvor à Nossa Senhora das Dóres.

Esta festa constará de comunhão geral, ás 7 horas da manhã, missa cantada e à tarde, procissão e bênção do Santíssimo.

Festa das Arvores

Realizou-se ontem a bellíssima «Festa das Arvores» introduzida pelo Sr. Dr. Oscar Tompson, quan-do Director da Instrução Pública do nosso Estado, nas escolas pú-blicas.

Na tarde de 13, fôz o Sr. Di-rector distribuir pela cidade um boletim, no qual convidava indis-tintamente a população ituana para assistir á «homenagem» que as nossas Escolas hiam dedicar ás purificadoras do ar atmosférico.

Por falta absoluta de espaço, deixamos de dar noticia circun-stanciada da festa, o que faremos no proximo número.

Instrução Pública

Consta nos que vão entrar em gôzo de licença os professores Bel-miro Martins e sua exma. esposa J. Maria Antonieta Leite Martins, adjunctos do nosso Grupo Escolar.

Também requereu um mês de licença para o tratamento de sua saúde o sr. Augusto da Luz Cintra, digno professor municipal.

Remoção

Foi removido para a estação de Botucatu, o nosso amigo sr. Fran-cisco Artur Mariano Costa, que por muito tempo exerceu a sou-terano geral, o cargo de agente da nossa estação.

E' nos, necessário historiar a ad-ministração do nosso ex-agente que, sabendo honrar o posto que me-ricadamente occupava, não poupo esforços para o cumprimento dos seus deveres, zelando do interesse público e do da companhia.

Motivou sua retirada da es-tação local, a mudança desta para categoria inferior.

Falecimento

Faleceu neste municipio, no ba-irro da Pedrinha, o sr. Basilio Simoni, honrado e velho agricultor que com sua numerosa descendência reside há muitas dezenas de annos aqui, sempre rodeado da estima de todos.

Páz á sua alma.

Enfermos

Acha-se há dias enfermo, o sr. Luis Augusto da Luz Cintra, pro-fessor municipal no bairro do Pi-lubeiro.

Continua guardando o leito, o Ro-loto de Sena.

Também se acha há dias en-férmo o sr. António de Freitas Pi-nho, farmacêutico.

Esteve aqui enfermo, tendo já retirado para a capital o sr. Antô-nio Morato de Andrade, quarto amista da Escola Normal secundaria.

Pagamento

Por intermédio do sr. Francisco Afonso Ferreira, inspector geral da «União Mútua», foi paga ao sr. Carlos de Sousa Freitas, a im-portância de 20.000\$000, corres-pondente ao pecúlio com que foi contemplada a apólice número... 2.279, pertencente á sua filha Mar-garida, no sorteio do dia 9 d'este mês.

Nomeação

Para exercer o cargo de dele-gado de policia de Rio das Pedras, foi nomeado em comissão, o nes-so amigo sr. dr. Barros Sampaio. Felicitamo-lo.

IGREJA DE S. BENEDITO

Escola recebida por intermédio do Sr Pedro Claro 15\$00

Aniversários

Fizeram annos: No dia 9, a menina Margarida de Sousa Freitas, dilecta filha do sr. Carlos de Sousa Freitas;

No dia 10, a menina Etamir Leite Martins, filha do professor Belmiro Martins, adjunto do nosso Grupo Escolar;

No dia 11, os srs. Afonso Berges e Arlindo Lopes;

E no dia 12, o sr. dr. Manuel Maria Bueno, nosso illustrado colabo-rador.

Delagado de Policia

Já se acha aqui, tendo assumido a jurisdicção policial, o dr. Tirso Queiroza, promovido da delegacia de Taquaritinga, para a desta cidade. Visitemo-lo.

Os Proscritos

No annúcio do interessantissimo livro: *Os Proscritos*, no número último da «Federação», sahí erra-de o preço da obra que é de... 3\$000 réis, do que pedimos des-culpa.

Hóspede

Acha-se na cidade, o sr. Fran-cisco Afonso Ferreira, inspector geral da *União Mútua*.

De regresso para Tietê, onde reside, viajou terça-feira última, o nosso conterrâneo sr. José Ma-riano da Costa.

Secção Livre

O que diz o ilmo. sr. Intendente do Erval

Luis Osório de Ávila, atesta que durante o periodo revolu-cionário adquiri sífilis e devido ao uso que fiz do *Elisir de Noguaira*, do farmacêutico quími-co João da Silva Silveira, fiquei restabelecido completamente, isto depois de ter recorrido a todos os preparados para tal enfermidade e consultado vá-rios médicos, sobre o meu es-tado de saúde, que era grave. Dêste pode fazer o uso que quiser.

Luis Osório de Ávila. (Firma reconhecida)

UMA DOR REUMÁTICA. Atesto que, com o uso do

Elisir de Noguaira, Salça, Caroba e Guaiaco, fiquei curado de uma dor reumática que me perseguiu há mais de dois a-nos, tendo usado, entretanto, de outras preparações sem re-sultado algum. Antonina, 5 de Janeiro de 1881 PEDRO F. DE MAGALHÃES CASTRO Casa Matriz—PELOTAS— Rio GRANDE DO SUL— Caixa Postal Depósito geral e Casa filial—Rua Conselheiro Sairava, 14 e 16. CAIXA POSTAL 148 Rio de Janeiro

ANUNCIOS

Professora

Acha-se nesta cidade, residind no Convento do Carmo, uma pro-fessora de bordados e mais traba-lhos manuaes, como pinturas, etc. Ensina bordado a ouro, prata, matiz, palheta, etc. Ensina pintura japonesa e a óleo Ensina também ler, escrever contar, geographia, etc. Lecciona em sua residência e domicilio, a preços convencionais

BORDADOS

Carlota Bueno de Negreiros, participa ás exmas. familias que abriu em sua residência á rua da Palma, n. 39 A, uma aula de bor-dados a máquina, onde as alunas aprenderão toda a espécie de bor-dados brancos ou a seda.

Accepta encomendas de paramen-tos para igreja como sejam toalhas, roquetes, sivas, etc.

Vocabulário Alfa-bético e Remis-sivo da Língua Portu-guesa, de Gonçalves Viana. Encontra-se na «Casa Ecléctica»

Telhas e Tijolos

No Olaria de João David Vieira, no bairro do Matadouro, aceita se encomenda de Telhas e Tijolos fei-toa de superior barro.

Preços do mercado

Músicas

PARA PIANO NA CASA ECLÉCTICA RUA DIREITA, 55

- CAROSIO—Papillons noirs Valsa — Primavera
- CERATO—Bonita Chilena
- BLANC—Mary
- REAL—Pantalon
- METALLO—Lejos del bien amado
- TORNQUIST—Negrillon
- GUIMARÃES—Olhar tris-teinho
- STRAUS—Primavera
- FIGUEIRA—Crisântemo
- B. LIMA—Violão de Papai
- GILBERT—La Casa Susana
- P. NETO—Partido leve lem-brança
- GIORDANO—Aimer... souffrir
- FERRABINO—Amour ne meurt pas
- CERATO—Aimer, toujours, aimer
- CHER—Valsa de aror
- FALL—Camponês acge
- GILBERT—Collegio de Si-gnorine
- NA— Saudades de Iguape
- ROCCI—Angiolina
- T. JUNIOR—Ansência Cruel
- PALMIERE—Concórdia
- PAANS—Supplication
- PENA—Valsa leata
- BEUCUCCI—Amore

OS PROSCRITOS

Acha-se á venda na *Federação* por 3\$000 réis, o primeiro volume desta obra, do P. Luis de Azaveo, com um prólogo de P. Luis Cezal.

Em Portugal foi apreendida esta obra pelo governo da Republica. Está sendo traduzida nas principais línguas da Eu-ropa.

Quem quiser percorrer uma das mais interessantes pá-ginas de história contemporânea leia este volume da expulsão dos Jesuitas, de Portugal.

Parece um verdadeiro romance esta história. Está escrita em estilo lhamo e linguagem sem artificio nem parcialidade de apreciações. Narra simplesmente os factos, que por natureza comovem por vezes até ás lágrimas.

As variedades de scenas, o contrastes das pessoas que nelas entram, os diálogos de juizos e pareceres tam postos, as descrições dos lugares, a noticia dos casos imprevistos tornam aquella leitura grandemente amena e instructiva. Por ela se alcança um conhecimento util da luta entre os dois campos, que há séculos se debatem na Igreja.

Jesuitas e maçons! Que curioso espectáculo oferecem ao estudo e apreciação do que são uns e outros!

Movimento religioso

EXPOSIÇÃO DO SS. SACRAMENTO

Em sinal de adesão ao Congresso Eucarístico que em extraordinário brilhantismo se está realizando em Viena, capital do império da Austria, hoje na matriz durante o dia ficará exposto o Santíssimo Sacramento.

Não há nominata de irmãs das confrarias, mas se convida todo o povo católico a ir render suas devotas homena-gens. A'quele que só por amor dos homens desceu do céu e habita entre nós na divina Eu-caristia.

DEVOÇÃO A SÃO JOSE'

Quarta-feira 18 do corrente ha-verá na Igreja do Bom Jesus ás 7 horas da noite a piedosa e salu-tar devoção a S. José.

Pede-se o comparecimento de maior numero de homens.

CIRCULO CATÓLICO

De ordem do Revmo. Director convoco as irmãs d'este Circulo a uma reunião Segunda-feira 16 do corrente ás 5 horas da tarde.

A secretaria

cia *menistério*; militar, que se pronuncia *melit*. Para se evitarem erros de orthographia, é preciso atender á etimologia dos vocabulos, e, quando possível, a uma forma que o *i* seja tónico, como em *divida*.

29. Há dois prefixos de valor diferente, que sempre di-versificam na escrita: *des* e *dis*. O primeiro é ne-ativo ou pri-vativo, como em *desfazer, deslignir, destinto*; o segundo dis-tributivo, como em *dispersar, distinguir, distinto, disjunctar, discernimento, disturbio*, etc.

30. *i*: designa o *i* tónico, quando as regras de acen-tuação gráfica exijam a marcação; ex.: *frígido, Vilior, fssil, difteil, difíceis, fupteis, thneis, fugiriamos, fugireis, fugirteis*, etc.

31. Com acento agudo se marca o *i* tónico que não forma ditongo com a vogal anterior; ex.: *sálda, sal, ai, país, patse, rates*.

Antes de *nh, nd, mb*, pode dispensar-se o acento; ex.: *raíinha, aínda, Colmbra*, ou *raíinha, aínda, Coimbra*; pode também dispensar-se antes de consoante final que não seja *s*; ex.: *raiz, sair*: mas *raizes, saíres*, porque o *z* e o *r* pertencem a outra sílaba.

32. *i*: Quando o *i* que não forma ditongo com a vo-gal antecedente é átono, pode marcar-se com o acento gra-ve; ex.: *sáimento, proibir, paisagem*.

33. O *i* nasal escreve-se com *im* antes de *b, p, m*, ou quando final, *in* em qualquer outra situação; ex.: *limbo, limpar, fim, fms, fundar, afinco, linfa, nufa*, etc.

34. *j*: O *j* escreve-se antes de *a, o, u, e, i*, e antes des-tas duas últimas vogais, quando a etimologia não justifica o emprego de *g*; ex.: *já, júlia, júbilo; veja, vejo, lejista, laranja, ra, arranjaz, arranje; Jerusalém, Jesus*.

35. *m*: Além do seu valor como inicial, ex.: *mal tonar*, etc., o *m* designa as vogais nasais finais *im, om, um*, por exemplo, em *marfim, som, jejum*, e o ditongo nasal *em*, como em *cecim, bem, deuem, margem*. O *m* muda-se em *n* ao acrescen-tar-se *s*; ex.: *marfins, sons, jejuns, cecus, bens, margens*.

11. *ch*: Emprega-se como inicial e medial, e nunca como final. Na pronunciação do idioma culto, e bem assim nos vernáculos meridionaes, confunde-se no valor há mais de dois séculos com o *x* inicial, do qual se differença pela origem. Corresponde o *ch*, em geral, a *cl, fl, pl*, latinos, e a *ch* francês nas palavras desta proveniência: ex.: *chave* (lat. *clavem*), *chama* (lat. *flamma*), *chuva* (lat. *p'uvia*), *chapeu* (fr. *chapeau*). Corresponde a *ll* e a *ch* castelhanos.

O *ch* com valor de *k* é substituído por *qu* antes de *e, i*, e por *c* em qualquer outra situação; ex.: *monarca, monar-quia, querubim, côro, clovo, corografia, catermenio, crisol*.

12. *c*: Esta letra emprega-se antes de *a, o, u* consoan-te, ou como final, rara; ex.: *ca, côr, cume, claro, cravo, frac-ção, Abimélec*, etc.

13. Antes de *e, i*, é substituída por *qu*; ex.: *sequivo ressequido, de sêco*. É mudo o *c* actualmente em muitos vo-cábulos em que antes se proferia, e conserva-se quando *a*, e precedentes permanecem abertos, e por analogia ainda, mesmo que essas vogais sejam tónicas; ex.: *secção, acção, achivo, acto, espectáculo, espectador*; mas *autor, junção, junção-as-ção, santo*, etc.

14. *e*: Designa em sílabas átonas e surdo; ex.: *se, de, me, te, lhe(s), secar, remediar, lume, úbere, cadáveres*, etc.

Vale, por *i* átono, antes de vogal, ou de consoante pa-latal; ex.: *fealdade, teatro, beato, teor, arceiro, feissimo, con-teúdo; fechar, telhal, lenhador, desejar*. Cumpre recorrer á etimologia do vocabulo, ou a uma forma primitiva dele, em que o *e* seja tónico, para assim o differenciar de *i*: *fealdade, de feio; areiro, de areia; fechar, de fecho; telhal, de telha; lenhador, de lenha; desejar, de desejo; teatro, beato, teor, conteúdo*, do lat. *theatrum, beatum, tenere*. Tem também esse valor de *i*, como inicial átona; ex.: *evitar, erguer, harbi*.

15. *e*: vale por *o* aberto, ou por *e* fechado, sendo tó-nico; ex.: *neve, certo, der, perda, ver*; e por *e* aberto ou fechado, átono, *relveiro, svel, carácter, cadáver, secção, ab-damen*.

A BOA MARGARIDA

GUARDAR A CASTIDADE

Meninas, vão-se deitar... d. Josefa a suas filhas... Realizou-se o meu prognóstico! disse, ainda com bastante enfado, o pai...

Já o não pode ser mais quando não encontra de quem faça escárnio... Estás enganado, replicou d. Josefa... E porque há-de vestir-se de um modo que escandaliza a toda gente que a vê?

tu de pudor quando for mulher... As tuas palavras fazem-me tremar, exclamou d. Josefa... E todavia digo-te a verdade. Estamo Flávia tanto como tu...

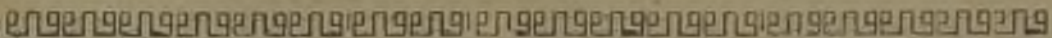
que chamas graças, inspira-lhe o amor à modéstia... Quando acabou de proferir estas palavras, dirigiu-se d. Manuel ao seu quarto...

tentar conversas, que o mundo chama chistosas, não deve nunca uma menina tomar parte nelas...

VENDE-SE NAS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS DESTA CIDADE



Caixa Postal, Depósito geral e Casa filial - Rua Conselheiro Saraiva, 14 e 16 - CAIXA POSTAL, 148 - Rio de Janeiro - CASA MATRIZ - PELOTAS - Rio Grande do Sul



A PREVIDÊNCIA

CAIXA PAULISTA DE PENSÕES Autorizada pelos decretos ns. 6.917, 7695 e 8802 do Governo Federal e com depósito de 200 contos no Tesouro. AGÊNCIA EM TODO O BRASIL SEDE EM S. PAULO

Rua Quintino Bocaiuva, 4 1º andar, esquina da rua Direita - Caixa-Postal, 553 Telefone 431 - End. Tel. "PREVIDÊNCIA"

Agência no Rio: Avenida Central, 95, 1º andar

Pecúlios e pensões

SÓCIOS INSCRITOS em 5 anos 77.901 CAPITAL SUBSCRITO até o dia 28 de Fevereiro 43.414.975\$00 CAPITAL DE PENSÕES até o dia 15 de Janeiro 5.072.094\$230... A SECÇÃO DE PECÚLIOS compõe-se das três séries seguintes: PECÚLIO POPULAR: 10.000\$000 aos herdeiros ou pessoa previamente indicada pelo sócio e 300\$000 para o funeral...

Peçam prospectos e informações Vergílio N. Brandão Ao Agente nesta cidade

16. Vale por d no sul do país, antes de consoante palatal e no ditongo ei; ex.: igreja, fecho, telha, senha, lei. Em várias regiões este e é proferido como fechado em tal situação; ex.: igrêja, fêcho, têlha, senha, lêi. 17. d: Denota o e aberto tônico, quando haja de marcar se a sílaba predominante, isto é, como final, seguido ou não de s, e nos esdrúxulos; ex.: mãrê s, cêdula. Marca-se igualmente o acento agudo no e quando a sílaba predominante é a penúltima e a palavra não termina em a(s), e(s), o(s), am, em, e bem assim nos ditongos ei, éu, sempre tônicos; ex.: êter, Vênus, fértil, férteis; céu, escaraku, papêis. Sem acento, porém, escrevemos levam, lavem. 18. ê: Indica o e aberto átono, quando se torne necessário diferenciar homógrafos; ex.: pegada, diferente de pegada, pregar, de pregar. 19. é: Designa o e fechado tônico, quando seja de regra marcá-lo com acento, ex.: mercê(s), vês(s), sêma, Zêze-re, pêssego, concêntrico, Estêvão, etc. 20. O e nasal nunca termina vocábulo no idioma comum, em que é substituído pelo ditongo nasal em eas (êis) o qual se acentua quando é tônico final de polissílabos; ex.: vintém, vintêns; contêm, contêns; parabêns. 21. No princípio e meio das palavras o e nasal escreve-se com em antes de b, p, m, e com em, em qualquer outra situação; inicial átono proferese como in, in; ex.: mem-bro, tempo; encher, entrar, encho, anho; entendi, entendi; empregai, empregai. 22. g: O g, para designar a consoante sonora corresponde ao c, escreve-se em qualquer situação, excepto antes de e, i; ex.: gajo, glaciário, grade, digno, fragmento, e raras vezes como final, Gog, Magog. Suprime-se quando se não proferese; deste modo, escreveremos: gisinar, Inácio, Inds, aumento, etc. Antes de e, i acrescenta-se-lhe u (gu); ex.: seguir, guar-ra, ligue, aguilhoar. Se êsse u se proferese átono, marca-se com acento grave:

agüentar, argüir, argüente; -se é tônico, com o acento agudo, argüi. 23. ge gi: tem o mesmo valor que o j e escreve-se em lugar deste, quando a etimologia ou a analogia o pedem; ex.: gente, lógica. Nos derivados de primitivos em ja, jo, ju permanece o j antes de e, i; ex.: laranja, laranja; loja, lojista. O g etimológico muda-se em j antes de a, o, u; ex.: reger-rejo, veja; jogar, fuja, fuja. 24. h: É mudo quando inicial, e escreve-se quando a etimologia do vocábulo o justifica; ex.: homem, humano, herdar, e portanto ombra, olem, em que a etimologia o não explica; hale e não hiale. O h medial desaparece, mesmo nos vocábulos em que êle como inicial figura; ex.: desumano, deserdar, e com maior razão em inibir, indub, sflarmónica, em que daria causa a sua presença a errada leitura; outros exemplos são coibir, sair, compreender, desorra, exibir, etc. 25. O h como sinal diacrítico, junta-se a e, l en para designar os sons que as palavras seguintes exemplificam: chave, frecha, selha, moinho. 26. O h, depois de l, r ou c com o valor de k é proscrito; deste modo escreveremos teatro, retórica, corografia. Suprimido é igualmente o h final, como em Sara, raja ou rajá, e só se admite em tal situação nas interjeições, como ah! ah!, etc. 27. i: Emprega-se como átono, e como tônico; ex.: finissimo, quasi, virar, viva etc. 28. Numra série de sílabas, cuja vogal seja sempre i, e o vocábulo não seja imperfeito ou condicional de verbo supérfluo, ou diminutivo, sómente o último i conserva em geral, na pronúncia desafectada, o seu valor; os mais que o precedem proferem-se como e mudo, se a consoante seguinte não é palatal, x, j, lh, nh, s' consoante; ex.: dividir, dicidia, dividida, que se pronunciam devidir, devidio, devidiria; ministro, que se pronuncia menistro; ministério, que se pronun-

Filhas de Maria

Na CASA ECLÉCTICA, à rua Direita 55; encontra-se Medalhas-distintivo para a congregação das FILIAS DE MARIA; tanto de prata como de alumínio. Medalha de S. Bento, S. Benedito, S. António, N. S. das Dores, S. S. Coração de Jesus e de Maria, S. Brás, S. Inácio, Divino Espírito Santo, S. José, Anjo da Guarda, N. S. do Rosário, S. Francisco de Assis e muitas outras invocações. Escapulários de N. S. das Dores e do Carmo. Rosários correntes de prata; Pate Noster, Livros de Devoção & R. Direita, 55 - Itu

Para debelar as impurezas do sangue, basta usar o grande depurativo do sangue «Elixir de Nogueira», do farmacêutico químico SILVEIRA. A venda nesta cidade.